

Promoção da Igualdade de Gênero nas aulas de Educação Física Escolar no Ensino Fundamental

*Douglas Rosa de Souza Silva¹
João Paulo de Oliveira Faria²
Raquel Guimarães Lins³*

Resumo

As questões de gênero vêm sendo estudadas desde os movimentos feministas do século XIX com o propósito de angariar direitos sociais às mulheres. Entretanto gênero não deve ser tratado somente em relação à mulher, mas relacionado a ambos os sexos com suas feminilidades e masculinidades, assim sendo a construção social do masculino e feminino, que ainda hoje reflete nas aulas de Educação Física levando a separação de meninos e meninas, diferenças que naturalizam o corpo masculino mais forte e o corpo feminino mais fraco. Deste modo, reafirmando os papéis sociais preexistentes para ambos os sexos, reforçando as práticas sexistas. O presente estudo tem por objetivo verificar por meio das aulas de Educação Física na escola a promoção de igualdade de gênero entre os alunos do Ensino Fundamental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com utilização de diário de campo, observação e análise de conteúdo, e realizado em uma escola pertencente à Rede Municipal do Município de Itaperuna – Rio de Janeiro no período de Fevereiro à Março de 2014. Foram observadas 26 aulas de Educação Física do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Obteve-se como resultado, que o conteúdo esporte foi predominante nas aulas observadas; as aulas em sua maioria foram separadas por sexo, levando a reafirmação da supremacia masculina e inferioridade do feminino. Pode-se concluir que não há a promoção da igualdade de gênero nas aulas de Educação Física escolar por conta da predominância do conteúdo esporte nas aulas observadas que reforçam a perpetuação do sexismo e dos papéis sociais exercidos por meninos e meninas, sendo sugerido que sejam elaboradas ações pedagógicas de uma Educação Coeducativa e, principalmente de uma Educação Física Coeducativa.

Palavras -chave: Práticas Sexistas. Papéis Sociais. Igualdade de Gênero. Educação Física Escolar.

1 Introdução

O presente estudo tem o objetivo de verificar a promoção de Igualdade de gênero nas aulas de Educação Física Escolar no Ensino Fundamental. Apresenta, a partir de dados levantados através da observação e registro em diário de campo, as

¹ Licenciado em Educação Física Instituto Superior de Educação do Município de Itaperuna/ RJ e Universidade Iguazu, UNIG, Itaperuna/RJ - e-mail: douglasrosadesouza@yahoo.com.br.

² Docente do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Superior de Educação do Município de Itaperuna - e-mail: jpfaria25@hotmail.com.

³ Mestre em Educação Física e professora do Instituto Federal de Minas Gerais/Campus Congonhas e-mail: raquel.lins@ifmg.edu.br.

principais metodologias adotadas pelo docente com o intuito de promover a igualdade entre os gêneros.

A terminologia gênero, num primeiro momento, começou a ser utilizado pelas Manifestantes Feministas, de acordo com Louro (2003), na mudança do século XIX para o XX, com as manifestações onde se angariava direitos às mulheres tais como o voto, estudo, profissionalismo. Entretanto, é na década de 60, mais precisamente em 1968 que se iniciaram as discussões mais abrangentes e científicas por pesquisadores e militantes com relação ao gênero.

Scott (1990) argumenta que a terminologia gênero foi conceituada para se opor as diferenças biológicas relacionadas aos sexos, atribuindo-lhe uma característica social. Não se deve compreender gênero especificamente relacionado às mulheres, mas algo que englobe mulheres, homens e suas feminilidades e masculinidades, haja vista que aborda um campo fértil de análise das questões de desigualdades e das hierarquias nos âmbitos sociais (LOURO, 2003).

Desta forma, compreende-se que gênero é a construção da identidade do indivíduo, sobre a imagem que homens e mulheres constroem de si mesmos e do próximo (KNIJNIK, 2010). A definição de gênero pode ser resumida como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas nas diferenças biológicas (SCOTT, 1988). Para Connel (1995), gênero é o modo de trazer para a prática social as diferenças sexuais e a capacidade reprodutiva humana, tornando-a parte do processo histórico, assim sendo essa prática social se dirige aos corpos.

Entretanto, Abreu e Andrade (2010) fazem perceber que o estudo de gênero é uma maneira de assimilar as relações sociais, partindo dos conceitos, representações e práticas desenvolvidas entre os indivíduos, sejam elas de cor, raças iguais ou de raças diferentes, classe social, do mesmo sexo ou de sexos diferentes, na construção dessas relações sociais entre os indivíduos, assim sendo o juízo ou compreensão que se faz de uma pessoa tendo como referencial a construção do sexo anatômico socialmente e suas diferenças.

O conceito de gênero discutido por Scott (1990) refere-se a um modelo de sociedade patriarcal baseadas em um conjunto de papéis, qualidades e comportamentos

atribuídos a homens e mulheres, constituindo um sistema de relações de poder onde a supremacia se faz sobre a figura masculina (ABREU; ANDRADE, 2010).

As concepções edificadas acerca da diferenciação de gênero e sexo no decorrer dos séculos permanecem fortes na sociedade contemporânea. O que faz permanecer as ideias de equidade entre as concepções de gênero e sexo é o não entendimento por parte da sociedade em geral, podendo ser observado a partir da generalização pré-estabelecida no quesito biológico (CAPRARO *et al.*, 2007).

Meyer (2003, p. 15) defende que:

[...], o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

Deste modo não se pode discordar das diferenças existentes entre homens e mulheres, porém não se pode é colaborar para que tais diferenças na construção da identidade de gênero sejam transformadas em desigualdades (BRASIL, 2011).

Tendo como mais uma distinção entre os sexos, o fator biológico torna mais explícito e acentuado no que diz respeito à segmentação entre meninos e meninas, em específico na Educação Física, que em sua constituição asseava pelos movimentos ginásticos, tornando-se decisivo a tal segmentação (CAPRARO *et al.*, 2007). Corsino e Auad (2012) demonstram que se deve tomar cuidado ao analisar as diferenças hierarquizadas nas aulas de Educação Física Escolar, este cuidado se torna notório a partir das pesquisas realizadas por Chan-Vianna, Moura e Mourão (2010), onde os mesmos em suas pesquisas encontraram argumentos pouco consistentes ao analisar o gênero nas aulas de Educação Física como categoria de exclusão, os autores ainda relataram que as pesquisas “recaem por diversas vezes em generalizações para argumentar em torno dos efeitos negativos do sexismo causado pelo esporte” (CHAN-VIANNA; MOURA; MOURÃO, 2010, p. 164).

Em contrapartida para Saraiva (2002) as práticas coeducativas na Educação Física Escolar assinalam para resultados satisfatórios, no tocante a diminuição e eliminação das práticas hierarquizadas no Esporte e Lazer, enfatizando a necessidade de ações pedagógicas que ponderem as relações de poder. Entretanto Dornelles e Fraga

(2009) ao analisar as aulas de turmas separadas por sexo evidenciam a necessidade de se pesquisar com mais aprofundamento sobre as formas de organização aos/às alunos/as, sem se desfazer das separações como uma forma possível de se configurar as relações de gênero, considerando que para os autores, as turmas mistas, por si só, não garantem o término das hierarquizações.

Tendo em vista as novas propostas pedagógicas e ações específicas as aulas de Educação Física, torna-se importante considerar o corpo como uma construção que sofre influência e é construído pelas relações entre e intra gêneros, havendo a necessidade de questionar as construções dos corpos na mistura e separação das aulas de Educação Física, direcionando-a para uma Educação Física Escolar Coeducativa (CORSINO; AUAD, 2012).

Desse modo, Auad (2004) refere-se à Coeducação como:

Refiro-me à coeducação como um modo de gerenciar as relações de gênero na escola, de maneira a questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino. Tudo isso só será possível mediante a atribuição de igual valor ao feminino e ao masculino, vistos como elementos não necessariamente opostos ou essenciais (AUAD, 2004, p. 167).

Nessa premissa, uma Educação Física Escolar Coeducativa geraria a igualdade de valorização entre os gêneros, assim como seus significados, a partir da percepção de suas diferenças, portanto seriam esses múltiplos femininos e masculinos passíveis de mérito e de valorização em variados contextos (CORSINO; AUAD, 2012).

Atualmente a grande maioria das escolas serem mistas, as aulas e os conteúdos programáticos de Educação Física ainda estão fundamentados em concepções puramente biologicistas, contribuindo para a não realização de aulas ao qual haja a interação em experiência de cooperação e igual valorização de múltiplas competências, habilidades e atributos de meninas e meninos. Desse modo, a Educação, bem como a própria Educação Física Escolar são incapazes de promover a coeducação exclusivamente com aulas mistas, sem a existência de ações sistematizadas e de forma ampla ao norte da equidade de gênero. (CORSINO; AUAD, 2012; AUAD, 2004).

Com o objetivo de atingir a coeducação com aulas mistas, Kulgeman (2006) propôs que devam ser aplicadas atividades diferenciadas proporcionando variadas experiências e que possibilite o equilíbrio a ambos os sexos e, quando da realização de

determinados esportes, seja salientado tanto para o masculino como para o feminino os aspectos positivos e negativos.

Luz Junior (2002) mostra que alguns elementos que constituem a cultura corporal presentes nas abordagens pedagógicas da Educação física admitem e evidenciam a partir de suas práticas, que de fato há toda uma organização em função da diferença sexual e social a fim de treinar e moldar esses corpos, sendo os mesmos condicionados a uma cultura que impõe “normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções” (MORIN, 1997, p. 15).

Ao se observar as relações de gênero dentro da Educação Física, são notórias a percepção que estas relações ocorrem fundamentalmente no meio esportivo, tido como restritamente masculino. Este vínculo que une os esportes aos homens acontece porque historicamente é exigida dos mesmos a força, virilidade, busca de alimentos e defesa da família. Quando a necessidade de caçar tornou-se dispensável, o esporte então ocupou este território e como às mulheres, os cuidados com o lar, com a prole, e práticas físicas menos ativas, foram proibidas as mulheres a questão desportiva, sendo um infringimento às leis da natureza. Portanto, refletiu-se na Educação Física Escolar das crianças, podendo ser percebida na ocorrência de separação de meninos e meninas para receberem a melhor atividade para seu sexo (KNIJNIK, 2010).

Cria-se, em cada sociedade, um conceito diferente de corpo, que acarreta certas regras concebidas como indicadoras de normalidade. Às meninas, é imposta a condição de delicadeza e cuidados, o que resulta na deficiência de algumas habilidades motoras – salvas exceções femininas -, ao contrário dos meninos, dos quais já se espera agilidade e ativez. Em virtude disso, acontece a chamada antilização das meninas, no sentido de lentidão ou descoordenação ao realizar os exercícios físicos, uma vez que se espera de uma menina toda delicadeza, cuidado, bons modos, não se sujarem e não suarem, no tocante que os meninos são estimulados quando crianças aos primeiros chutes, a posterior começa a brincar na rua. Estes hábitos corporais e sociais do masculino e feminino, dependendo da sociedade, tornam um sexo mais hábil do que outro em termos motores (DAOLIO, 2006).

Ao se considerar a Educação Física uma disciplina obrigatória e privilegiada para promoção da equidade de gênero e dos Direitos Humanos, Unbehaum (2010) a partir de uma análise crítica dos PCNs, referente aos temas geradores e orientações didáticas específicas a Educação Física, mostra que há uma visão polarizada de gênero, que não norteia os profissionais de Educação Física enquanto a forma de agir frente a situações de desigualdade e discriminação.

O padrão heteronormativo, naturalizado e generalizado, tornou-se referência para todos os indivíduos e lugares, invadindo assim os textos escolares e as propostas pedagógicas que visam educar meninas/os, tais dispositivos atuam sobre os corpos de maneira a torná-los moldáveis e modeláveis a determinados modos de existência (SILVA, 2014).

Ribeiro (2014) evidencia que a instituição escolar não ressalta e valoriza as diferenças e singularidades de seus alunos/as, ao contrário disso a escola homogeniza os sujeitos através de seus discursos de igualdade e suas práticas pedagógicas, inserindo-os na norma.

Para Haertel (2007) um dos elementos que fortalece a distinção entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física é o seu conteúdo. E por ter sua estruturação pautada na natureza biológica do ser humano dando sentido a sua prática, tornando tal conceito uma significação social da área (DAOLIO, 2006).

Com isso, Altmann (1998) evidencia que o conteúdo esporte é de domínio masculino e fundamental para a construção de identidade de tal gênero, entretanto faz-se necessário que o profissional de Educação Física ofereça a todos os educandos condições de transpor a barreira das relações de gênero e não ao contrário.

Embora tente se repensar a educação, ainda pode ser percebido que as relações de gênero no ambiente escolar, desde muito, contribui para a fundamentação de uma ação pedagógica, no qual os movimentos corporais são programados para um e para outro sexo (LUZ JUNIOR, 2002).

Assim deve ser notado que o processo socialização/educação sexista é intencional, e não neutro, pois estarão ligadas as relações de poder, seja por Marx onde o poder se detém ou por Foucault onde o poder se exerce, demonstrando que um dos setores sociais, a escola, com uma educação sexista é que reforça o preconceito e os

estereótipos sexuais que a sociedade entende por ser mulher e por ser homem, todavia são neste espaço que deve ser superado os equívocos (ABREU; ANDRADE, 2010).

Para Silva (2008) a escola é tida a princípio como um local de inclusão, de coexistência das diferenças de acesso democrático e livre de conhecimento, todavia há uma segregação imposta por alunos/as e professores/as, produzindo uma tensão relacional na escola, enfatizando o sexismo, onde sequer é identificado como parte do trabalho da instituição escolar a inclusão, propiciando a equidade entre e intra gêneros (BOHM, 2009).

Mesmo numa escola mista, a construção social do masculino e do feminino esteve sempre aliada a uma visão dicotômica, ou seja, separadas pelas diferenças sexuais entre os dois grupos. Estas representações se refletem também nas aulas de Educação Física, muitas vezes fundamentada na formação hegemônica de caráter bio-fisiológico do professor da área, que terminam por gerar e perpetuar certos preconceitos (LUZ JUNIOR, 2002).

Nesse sentido é fundamental que investigue se de fato, há à Promoção da Igualdade de Gênero nas aulas de Educação Física Escolar, já que, ao reforçar os atributos de superioridade e inferioridade na tentativa de justificar o sexismo nas aulas de Educação Física, tendo como fundamentação concepções biologicistas, como lembra Perrot (1988), a naturalização do corpo feminino mais fraco e o corpo masculino forte, só vem a reafirmar essas diferenças.

De acordo com Saraiva (1999), as consequências das práticas sexistas nas aulas de Educação Física, podem ser remetidas a três campos: “Bio-fisiológico – (relacionado à *performance*). ; Psicológico – a aceitação da superioridade física do menino, por parte das meninas, muitas vezes leva as mesmas a uma espécie de acomodação e dependência, diferentemente dos meninos que são, desde muito cedo, estimulados para independência e Social – em decorrência de uma série de fatores, por exemplo, os dois campos anteriormente identificados, facilmente se deduzem as consequências para o papel social de ambos os sexos” (p. 27-28).

Torna-se relevante para os professores de Educação Física o estudo do gênero, pois devem ser capazes de contribuir para a individualidade do aluno como um todo, sem corresponder apenas ao ponto de vista somático, promovendo assim a equidade

entre os gêneros. Contudo, o/a professor/professora pode usar sua aula para demonstrar a seus alunos, enquanto seres sociais e formadores de opinião, que não existe um sexo superior, mas que há apenas sexos distintos (CAPRARO *et al.*, 2007).

De acordo com Capraro *et al.* (2007) as instituições de ensino, que se tratando da Educação Física, mantêm parâmetros excludentes entre os alunos, quanto às diferenças biológicas, tais instituições vêm contribuindo para a perpetuação das diferenças entre os gêneros, já que as mentes não precisam ser separadas, mas os corpos – presentes apenas nas práticas físicas – sim.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde foram observadas 26 aulas de turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola pertencente à Rede Municipal de Itaperuna – Rio de Janeiro no período de Fevereiro à Março de 2014, com alunos de ambos os sexos, sendo observadas 12 aulas do 8º Ano de Ensino, tendo uma média de 11 alunas e 12 alunos por aula, e 14 aulas do 9º Ano de Ensino, tendo uma média de 15 alunas e 11 alunos por aula.

Utilizou-se de diário de campo, observação e análise de conteúdo (BARDIN, 1977) que se entende como um conjunto de instrumentos metodológicos visando obter, de forma sistemática, e objetiva de descrição de conteúdos, que permita inferência de conhecimentos relativos à produção/ recepção dessas mensagens. O diário de campo foi construído a partir da observação das aulas de Educação Física na escola, no qual foram registrados todos os ocorridos durante as atividades, bem como os relatos dos alunos e professor.

4 Resultados e Discussão

O quadro 1 foi elaborado, após uma avaliação aprofundada dos Diários de Campo, apresentando os principais discursos dos discentes e também dos docentes presentes em quadra durante toda a observação das aulas.

Quadro 1 – Atividades Desenvolvidas nas Aulas e discurso em relação meninos/meninas

	Unidade de Aula	Atividade	Ano de Ensino	Descrição/Palavras-Chave/ Expressões
Aula 1	Esporte	Arremesso do Handebol	9º	'meninas incentivando meninos'; 'meninos rindo e debochando de meninas'; 'meninas sem técnica e força'
Aula 2	Esporte	Arremesso do Handebol	8º	'meia quadra de meninos e meia quadra de meninas'; 'time misto'; 'menino afirmado como menina'; 'menino debochando de menino'; 'deboche por trejeitos femininos'
Aula 3	Esporte	Arremesso do Handebol	8º	'time misto'; 'meninas reclamando'; 'menino só passava a bola a uma menina'
Aula 4	Esporte	Arremesso do Handebol	8º	'meninos-futebol'; 'projeto pedagógico'; 'meninas não queriam jogar'; 'meninos queriam jogar'; 'vai começar a viadagem'; 'menino alvo de chacota e risos'; 'orientação sexual'
Aula 5	Esporte	Handebol	9º	'sem prática'; 'anarquia de 4 alunos e 3 alunas'; 'aluno enfrenta autoridade do professor'
Aula 6	Esporte	Handebol	9º	'jogo dos meninos'; 'jogo das meninas'; 'meninas não queriam jogar'
Aula 7	Esporte	Arremesso do Handebol	8º	'jogo dos meninos'; 'meninas arquibancada'; 'meninas cantando funk'
Aula 8	Esporte	Arremesso do Handebol	9º	'quadra dividida'; 'meninas recusavam-se a correr'; 'time misto – por falta de meninos'; 'meninas recusavam-se a jogar'; 'jogo das meninas'; 'meninos caçoando de meninas'; 'meninas xingando meninos'
Aula 9	Esporte	Arremesso do Handebol	9º	'quadra dividida'; 'jogo das meninas'; 'meninas não sabem jogar'; 'meninas completando time dos meninos'; 'equivalência de habilidade'
Aula 10	Esporte	Arremesso do Handebol	8º	'meninos caçoando de meninos'; 'time de meninas – completado por 2 meninos'; 'meninos reclamavam das meninas'; 'time de meninos – completado por 4 meninas'; 'menino não tinha habilidade, ouvindo reclamações'; 'aluno recusa permanência no jogo'
Aula 11	Esporte	Arremesso do Handebol	9º	'quadra dividida'; 'não correm por serem meninas'; 'meninos cantando funk'; 'meninos incentivando de forma sarcástica as meninas'; 'meninas xingando meninos'; 'jogo dos meninos'; 'estagiária apitando'; 'meninos repudiavam a marcação da estagiária'
Aula 12	Esporte	Arremesso do Handebol	9º	'quadra dividida'; 'time de meninas – completado por 3 meninos'; 'meninos fracos'; 'Bambi'; 'IBAMA'; 'Hena'; 'veadinho'; gazela; 'substituição – meninos por meninas'; 'travesti'; 'escolha pessoal'
Aula 13	Esporte	Arremesso do Handebol	8º	'fila mista na quadra'; 'aluno de bichisse'

Fonte: Diário de Campo - Informações coletadas de Fevereiro à Março de 2014.

O conteúdo esporte foi predominante nas aulas observadas. Foi percebida uma maior participação das meninas ao conteúdo ministrado, embora seja obrigatória a participação dos/as alunos/as, e uma maior resistência dos meninos. Identificou-se que as aulas são separadas por sexo, tornando os grupos mistos somente quando da necessidade de se completar as equipes, reforçando a questão social do sexismo.

Foi percebido a antialização das meninas que parte do pressuposto de terem suas práticas físicas reduzidas, na qual as mesmas se apoiam nessa premissa para não participar das atividades propostas, sobretudo a aquelas que envolvam corrida, entretanto aos meninos é incentivada a sua independência. Deste modo, nota-se que há uma reafirmação da supremacia masculina para a prática esportiva, tido como um ambiente inteiramente masculino, e a inferioridade do feminino em relação à prática esportiva, deste modo asseverando os papéis preexistentes para ambos os sexos.

Pôde ser percebido nas aulas, no campo bio-fisiológico, falta de oportunidade para as meninas realizarem a atividade, onde as mesmas reclamavam e negociavam a oportunidade em quanto time misto de tocarem na bola. No campo psicológico, as meninas mostraram-se acomodadas, onde sentadas na arquibancada observavam o jogo dos meninos e faziam torcida para os mesmos reforçando suas superioridades físicas. No campo social foi visto que meninas se negavam a correr, reforçando a crença de um papel social que reduzia sua prática corporal, contudo, a conduta das meninas foi reforçada pela atitude dos meninos que gritavam que lugar de mulher era no tanque.

Partindo das observações tornou-se notório o patriarcado ainda existente no ambiente escolar, pois ao se formar times mistos, somente fariam parte destes times aquelas meninas aos quais suas habilidades podiam ser comparadas as habilidades dos meninos, tornando equivalentes as forças; alunas essas que tinham sua orientação sexual contestada e, os alunos menos habilidosos eram alvos de discriminações, meninos estes que apenas observavam as aulas e/ou então iam para lateral da quadra ficar jogando com as meninas, bem como sendo afirmado pelos outros colegas sendo pertencente ao sexo feminino. Deste modo, os alunos não aceitavam a marcação realizada durante o jogo pela estagiária e/ou aluna, onde em seus discursos diziam que mulher não sabe regras e não deveriam jogar.

Considerando o resultado, tornou-se explícito a predominância do conteúdo esporte, que vem a reforçar a questão social do sexismo, pois a área da Educação Física Escolar e seus conteúdos ainda estão fundamentado em uma concepção biologicista e patriarcal, devido à formação hegemônica de caráter bio-fisiológico do profissional de Educação Física (LUZ JUNIOR, 2002).

Demonstrando também que mesmo numa escola mista, há a separação de meninos e meninas em sua prática, onde a permissão para a adaptação das atividades propostas pelo professor para a prática das meninas, somente fortalece a ideia de superioridade do masculino e inferioridade do feminino (LOURO, 2003).

Altmann (1998) vem a confirmar que o conteúdo esporte é de predomínio do gênero masculino e fundamental para a construção de identidade de tal gênero, entretanto faz-se necessário que o profissional de Educação Física ofereça a todos os educandos condições de transpor a barreira das desigualdades de gênero e, é o que termina por reafirmar as diferenças de gênero. Assim não propicia um preparo adequado aos educadores da área para atuar em grupos mistos, deste modo tal conteúdo contribui para não realização de aulas que haja interação em experiência cooperativa e igual valorização de múltiplas competências, habilidades e atributos de meninas e meninos, sendo a Educação Física incapaz de promover a coeducação ao norte da equidade de gênero (CORSINO; AUAD, 2012).

E como é evidente que a escola mista apenas não é necessária para promover a equidade entre e intra gêneros, Luz Junior (2002) evidencia que o sexismo está ligado às diferenças sexuais dos dois grupos e, ainda fundamentado na formação biologicista do profissional de Educação Física, perpetuando o sexismo.

Foi percebido que meninas e meninos faziam aulas juntos, somente da necessidade de completar os times para prática do esporte, enquanto aos fundamentos do desporto eram realizados em separado, sendo meninos utilizando um lado da quadra e meninas utilizando o outro lado da quadra demonstrando que a escola mista por si só não contribui para a equidade de gênero, não sendo capaz de estimular procedimentos didáticos pedagógicos que levem a equidade entre os gêneros. Corroborando com a ideia de Auad (2004) que mesmo sendo partidária à escola mista, afirma que apenas misturar os/as alunos/as não é o suficiente para gerar a equidade de gênero nem tão

pouco uma prática coeducativa, sendo necessárias políticas públicas e ações pedagógicas para coeducação (CORSINO; AUAD, 2012).

A proposta de Kulgeman (2006) para a coeducação parte do princípio de se propor várias experiências e que possibilitando o equilíbrio a ambos os sexos, salientando os pontos positivos e negativos de meninas e meninos, quando da prática do esporte. Entretanto esta proposta de coeducação é inexistente nas aulas de Educação Física, onde pode ser visto a dicotomia, ou seja, a separação dos sexos devido as suas diferenças sociais. Louro (2003) evidencia que uma maneira notável de separação de meninos e meninas que acabam por fortalecer a ideia que as meninas são menos habilidosas que os meninos, são quando o educador permite que ocorra a adaptação das atividades propostas para que elas menos habilidosas possam participar, não havendo desta forma uma coeducação, pois não permite que sejam observados os pontos positivos e negativos da prática das meninas, nem tão pouco haja equilíbrio entre ambos os sexos, pois ambos devem coexistir sem tais diferenciações sociais.

Em virtude disso se pode perceber o que Daólio (2006) nomeia de antalização das meninas, ocorrida pela redução de sua prática, uma vez que se espera de uma menina toda delicadeza, cuidado, bons modos, não se sujarem e não suarem, levando-as a recusa das práticas, podendo ser percebido nos resultados onde dizem que não correrão porque são meninas, não queriam ficar suadas e, que não tem força porque são meninas. Em contrapartida parece haver um processo de transformação dos meninos em trogloditas, onde os meninos são estimulados aos primeiros chutes, brincar nas ruas, recaindo sobre os mesmos a expectativa de segurança e altivez de um macho que dará sequência a linhagem, tornando os mesmos mais brutos e independentes, tais hábitos corporais e sociais que tornam um sexo mais hábil do que o outro em termos motores.

Deste modo, corroborado pelo escrito de Daólio (2006) que demonstra que mesmo antes a preexistência já se possui papéis preestabelecidos socialmente, de acordo com cada sexo, podendo ser confirmado tais escritos nos resultados que demonstra que as meninas se recusavam a correr e, sendo reforçado pelas atitudes dos meninos que gritavam que lugar de mulher era no tanque, que é corroborado pelo pressuposto social de Saraiva (1999) e, em seus demais campos, como o bio-fisiológico devido à falta de oportunidade para as meninas realizarem a prática do desporto, e quando oportunizada

reclamavam e negociavam a possibilidade em quanto time misto de tocarem a bola e, no campo psicológico as meninas mostravam-se acomodadas e até mesmo fazendo gritos de torcida aos meninos, reafirmando suas superioridades físicas.

No tocante ao patriarcado percebido nas aulas observadas, tal problemática é entendida acerca das relações de gênero e dos processos de hierarquização do masculino e feminino, sendo estabelecido pelas relações de poder no ambiente escolar, permeando o tratamento do conteúdo a ser aplicado e a forma de organização das aulas (CORSINO; AUD, 2012).

Vale colocar em discussão a dualidade aulas mistas versus aulas separadas, para o viés das aulas separadas o autor Louzada (2005) apresentam como vantagem a maior homogeneidade da turma, e como consequência possibilitando um trabalho pedagógico voltado para o treinamento; porém Louzada (2006) e Duarte (2003) apontam como desvantagem as impossibilidades com relação às discussões, problematizações e questões de gênero nas aulas separadas entre meninas e meninos. Indo de encontro a isso, exposto em Brasil (1997, p. 30) e Brasil (1998, p. 42) “as aulas mistas podem dar oportunidades para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias”.

Indo de encontro ao resultado encontrado, Romero e Aguiar (1995) afirmam que há evidências sucedidas, com aulas bem estruturadas, em que os alunos em turmas mistas participam das práticas corporais sem qualquer forma de separação de um ou outro sexo, aulas essas que não possuem o pressuposto de exaltar o rendimento físico e, ministras atividades possibilitando o equilíbrio de ambos os sexos, e salientando seus aspectos positivos e negativos.

5 Conclusão

Pôde-se concluir que não há promoção de igualdade de gênero nas aulas de Educação Física na escola pesquisada devido ao caráter de supervalorização do conteúdo esporte, levando a perpetuação do sexismo. Portanto a diferenciação do papel

social preestabelecido para meninos e meninas, que culminaram com a não participação das meninas nas práticas esportivas e por reafirmar a superioridade dos meninos, embora haja meninos que sofrem preconceitos por apresentarem particularidades femininas, entretanto deve-se levar em consideração a construção histórico-social, pois gênero considera o indivíduo, bem como sua cultura, assim sendo o sexismo que é tido como um ato discriminatório devido às diferenças biológicas, na verdade, são concepções construídas culturalmente.

Não sendo possível identificar as principais metodologias adotadas pelo docente que promovam a equidade entre os gêneros, devido o conteúdo aplicado ser de concepção biologicista, esportivista e/ou de recreação sem objetivo.

Nesse sentido sugere-se que sejam elaboradas políticas públicas e ações pedagógicas para uma Educação Coeducativa e, principalmente uma Educação Física Coeducativa, pois apenas uma aula mista, ou seja, misturar meninos e meninas não é o suficiente para a equidade de gênero. Faz-se necessário, que mesmo da utilização do conteúdo esporte, seja feita pelo educador uma avaliação dos pontos positivos e negativos tanto para meninos tanto para meninas, sem que haja distinção e/ou ações adaptativas nas atividades, que supervalorizam as habilidades físicas dos meninos e menosprezem as habilidades físicas das meninas, retornando ao padrão heteronormativo e, proporcionando variadas experiências e possibilitando o equilíbrio a ambos os sexos.

Sugere-se que não termine as pesquisas sobre o ponto central deste estudo, as relações de gênero nos mais variados contextos sociais, bem como de que forma as relações de gênero são trabalhadas na formação dos profissionais de Educação Física e, de que maneira é incorporada no currículo a ser ministrado na instituição escolar.

Promoting Gender Equality in physical education classes in elementary school

Abstract

Gender issues have been studied since the feminists of the nineteenth century in order to raise social rights for women. But gender should not be treated only against women, but related to both sexes with their femininity and masculinity, so the social construction of masculine and feminine, which still reflected in physical education classes leading to separation of boys and girls, differences that naturalize the strongest male body and the female body weaker. Thus reaffirming the existing social roles for men

and women, reinforcing sexist practices. This study aims to verify through physical education classes at school to promote gender equality among elementary school students. It is a qualitative research with the use of field diary, observation and content analysis, and carried out in a school belonging to the Municipal Network of the city of Itaperuna - Rio de Janeiro from February to March 2014 were observed 26 lessons Physical Education 8th and 9th grade of elementary school. It was obtained as a result, that sports content has been dominant in the observed classes; classes mostly were separated by sex, leading to reaffirmation of male supremacy and inferiority of women. It can be concluded that there is no promotion of gender equality in the classes of Physical Education due to the predominance of sports content in the lessons observed that reinforce the perpetuation of sexism and social roles exercised by boys and girls, being suggested to be drawn up pedagogical actions of a Co-educative Education and especially a Physical Education Co-educative.

Keywords: Sexist Practices; Social Roles; Gender Equality; School Physical Education.

Promoción de la igualdad de género en las clases de educación física en la escuela elemental

Resumen

Las cuestiones de género se han estudiado desde los movimientos feministas del siglo XIX con el fin de recaudar los derechos sociales para las mujeres. Sin embargo el género no debe ser tratado sólo en relación con las mujeres, pero relacionado con ambos sexos con su feminidad y la masculinidad. Así, la construcción social de lo masculino y lo femenino, que todavía refleja en clases de educación física que conducen a la separación de niños y niñas, las diferencias que naturalizan el cuerpo masculino más fuerte y el cuerpo de la mujer más débil. Así que reafirma los roles sociales existentes entre hombres y mujeres, reforzando las prácticas sexistas. Este estudio tiene como objetivo verificar a través de clases de educación física en la escuela como es la promoción de la igualdad de género entre los estudiantes de la escuela primaria. Se trata de una investigación cualitativa con el uso del diario de campo, la observación y el análisis de contenido, y llevó a cabo en una escuela perteneciente a la Red Municipal de la ciudad de Itaperuna - Río de Janeiro desde 02 hasta 03, 2014 se observaron 26 lecciones de Educación Física del grado octavo y noveno de la escuela primaria. Se obtuvo como resultado de ello, el contenido deporte fue predominante en la clase. No se produce la promoción de la igualdad de género en las lecciones de Educación Física, debido al predominio de contenidos deportivos en las clases observadas que refuerzan la perpetuación de sexismo y roles sociales ejercidas por los niños y niñas, y sugirieron que las actividades educativas se desarrollan una Educación Coeducativa y sobre todo una educación Coeducativa Física.

Palabras clave: Prácticas sexistas; Los roles sociales; Igualdad de Género; Escuela de Educación Física.

Referências

ABREU, J.; ANDRADE, T. A compreensão do conceito e categoria gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola. In: *VI Encontro de Pesquisa em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI)*. Teresina: UFPI, 2010.

- ALTMANN, H. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] homens na educação física*. Dissertação de Mestrado em Educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- AUAD, D. *Relações de gênero nas práticas escolares: da escola mista ao ideal de coeducação*. Tese de Doutorado em Educação: Sociedade da Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004, 232 f.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. 223 p.
- BOHM, A. M. *Os “monstros” e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis*. Dissertação de Mestrado em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2009, 103 f.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretária de Vigilância em Saúde. Departamento DST, AÍDS e Hepatites Virais. *Adolescentes e jovens para uma educação em pares: gêneros*. Brasília: Ministério da Saúde, v. 7, 2011. 60 p.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª à 4ª série): Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 110 p.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª à 8ª série): Educação Física*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 336 p.
- CAPRARO, A.; SANTOS, N.; SANTOS, A.; RODRIGUES, A.; ASSIS, M; NASS, P. Gêneros e educação física escolar: notas gerais sobre a formação cultural no decorrer da história. *Revista Lectures Educacion Fisica y Deportes*. Buenos Aires, v. 12, n. 112, p. s/p, 2007.
- CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L.; MOURÃO, L. Educação Física, gênero e escola: uma análise de produção científica acadêmica. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 149-164, 2010.
- CONNEL, R. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- CORSINO, L. N.; AUAD, D. *O professor diante das relações de gênero na educação física escolar*. São Paulo: Editora Cortez, 2012. 111 p.
- DAOLIO, J. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. 152 p.
- DIÁRIO DE CAMPO <www.unopacheco.edu.br/arquivos/downloads/diario_vim.doc> Acesso em: 18 fev. 2014.
- DORNELLES, P. G.; FRAGA, A. B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*. Cristalina, v. 1, n. 1, p. 141-156, 2009.
- DUARTE, C. P. *O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física*. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2003, 176 f.
- HAERTEL, B. *A temática do gênero nas aulas de educação física do ensino médio: pesquisa e intervenção em escolas da cidade de São Carlos*. In: III Colóquio de

- Pesquisa qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino americana. São Carlos: SPGMH – DEFMH/UFSCar, p. 99-115, 2007.
- KNIJNIK, J. D. *Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. 343 p.
- KUGELMANN, C. Educação física e a pesquisa sobre gênero: uma perspectiva da educação física orientada para os sexos. In: KUNZ, E. (Org.); TREBELS, A. H. (Org.) *Educação física crítico-emancipatória*. Ijuí: Unijuí, 2006.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003. 179 p.
- LOUZADA, M. *Aulas mistas e separadas por sexo em uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro*. In: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Anais. Porto Alegre: CBCE, 2005.
- LOUZADA, M. *Representações de professores acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física*. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Rio de Janeiro: UGF, 2006, 109 f.
- LUZ JUNIOR, A. A. Gênero e educação física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos. *Revista Motrivivência (UFSC)*. Florianópolis, v. 13, n. 19, p. 71-79, 2002.
- MEYER, D. E. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. *Movimento*. Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 33-58, 2003.
- MORIN, E. *O método: as idéias, seu habitat, sua vida, seus costumes, sua organização*. Rio Grande do Sul: Sulina, 1997. 320 p.
- PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 336 p.
- RIBEIRO, P. R. C. Os corpos no espaço escolar: (re)configurações dos/as alunos/as anormais em tempos pós-modernos. In: FERRARI, A.; RIBEIRO, C. M.; CASTRO, R. P.; BARBOSA, V. *Corpo, gênero e sexualidade*. Lavras: UFLA, 2014. 241 p.
- ROMERO, E.; AGUIAR, J. *Como o corpo docente e discente percebe as aulas de Educação Física mistas e separadas por sexo*. In: Apostila IX COMBRACE. Vitória, p. 1-15, 1995.
- SARAIVA, M. C. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1999. 196 p.
- SARAIVA, M. C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da educação física, esporte e lazer? *Motrivivência*. Florianópolis, v. s/v, n. 19, p. 79-86, 2002.
- SCOTT, J. Deconstructing equality-versus-difference: Or the uses of poststructuralist theory for feminism. *Feminist Studies*. Maryland, v. 14, n. 1, p. 33-50, 1988.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1990.

SILVA, E. P. Q. Entremeando corpos, sexualidades, gêneros e educação escolar. In: FERRARI, A.; RIBEIRO, C. M.; CASTRO, R. P.; BARBOSA, V. *Corpo, gênero e sexualidade*. Lavras: UFLA, 2014, 241 p.

SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *Geo UERJ*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, p. 01-17, 2008.

UNBEHAUM, S. A educação física como espaço educativo da promoção da igualdade de gênero e dos direitos humanos. In: KNIJNIK, J. D.; ZUZZI, R. P. *Meninas e meninos na educação física: gênero e corporeidade no século XXI*. Jundiaí: Fontoura, p. 12-24, 2010.

*Recebido em outubro de 2015.
Aprovado em dezembro de 2015.*